

► HIPERTEXTUALIDADE E FICÇÃO: AMBIENTES MIDIÁTICOS NA FORMAÇÃO DE PROCESSOS CONTEMPORÂNEOS DE LEITURA.

Prof. Dr. Pedro Paulo Alves dos Santos *

‘Presencial, efêmero, em mutação, o hipertexto tende a permitir uma evanescência do autor e uma incorporação do leitor. Claro que quando este é apontado como a tecnologia capaz da evanescência do autor e da importância dada ao leitor, se está a referir o texto como dimensão conceptual e não o software.’ (BABO, 2004, p. 106)

1. Introdução

Neste artigo desejo expor mais de perto questões teóricas do ambiente midiático que estão em maior relação com os atuais estudos de Literatura. De que maneira efetivamente, estas teorias e práticas ‘nos limites’ da concepção de ‘obra’ literária ou artística significam a delimitação de um paradigma novo para os estudos literários contemporâneos.

De fato, no discurso acadêmico, prevaleceram as reflexões sobre as transformações epistemológicas gerais, promovidas pelo advento da sociedade informática digital, geralmente explicitada a partir da projeção de sucessivas viradas —lingüísticas, pictorial, cibernética— com traduções emblemáticas de nossa experiência contemporânea com reflexos sobre os nossos sistemas de pensamento e as nossas formas de construir conhecimento. cimento.

2. O Ambiente Midiático nas Questões Atuais dos Estudos de Literatura.

No contexto da contemporaneidade, em que fenômenos concretos emergiram como forças especificamente midiáticas, novas formas literárias não-livrescas, isto é, não finalizadas para edição ‘tradicional’, modificaram nossa cultura do livro. As questões levantadas por muitos especialistas decorrem do facto de a rede ser um espaço indefinido e não hierarquizado do ponto de vista institucional. De facto, o acesso direto e individual à rede é um factor de precarização, o que não quer dizer, por si, o seja. Justamente ela pode tornar-se a memória infinita e global embora o cunho pessoal e direto que os indivíduos lhe conferem, através da criação de sítios, possam ser efêmeros.

E mesmo, porque não se podem abstrair os textos dos objetos que os comportam, ignorando que os processos sociológicos e históricos de construção de sentido se apóiam nas formas em que são dados a ler, como contrariamente afirmavam as teorias de tendência romântica, que tudo determinava pela autoria.

Ao contrário de uma visão idealista que tende a sacralizar o autor e a fazer do texto um objeto imutável, não se lê um texto do mesmo modo segundo a edição na qual ele se apresenta. A conformação em livro implica em escolhas de apresentação material que influem no estatuto do texto. Em função do modo da edição escolhido, os usos do livro, a natureza do público e sua relação com o texto podem variar consideravelmente.

Estas ‘constatações’ sobre o ‘livro digital, advindas da linguagem eletrônica, da internet, mostram que este ambiente ‘literário’ modifica nosso relacionamento com o texto, que por sua vez, é trans-gênico em sua experimentação (tornando-se móvel e efêmero) ‘distante da forma contemplativa desenvolvida pela cultura do Livro’, e tornam patente que nosso ‘processo de leitura’, em função de um novo contexto de

leitura, no qual o texto e o leitor mutaram em suas relações, implicarão em novos conceitos, portanto, numa oportunidade de novos repertórios dos estudos literários atuais. Entre as tendências e utopias da arte e cultura midiáticas atuais, são focalizadas nestas reflexões especialmente formas de intermedialidades na literatura digital vinculadas com a emergência de um gênero provisoriamente chamado interficções.

Mas, antes de avançarmos no conceito sugestivo de interficções nos deteremos um pouco ainda na figura do texto, em sua passagem ao hipertexto. Analisando esta passagem, interessa aos estudos teóricos de literatura, perceber o fato da digitalização de textos começarem a suscitar novos modos de leitura.

3. A digitalização e novos modos de leitura.

Jean Clément cita duas possibilidades, a primeira torna o 'texto uma imagem' e graças a este procedimento, é possível obter uma reprodução fiel do original que permite reconstruir em parte o livro-objeto; a paginação é conservada, somente a manipulação do volume fica comprometida. A segunda é 'somente texto', no qual cada caractere do texto é codificado por um número segundo uma norma internacional, este modo de proceder apresenta a grande vantagem de tornar o texto manipulável por um computador.

Assim a leitura muda com o desaparecimento de seu suporte tradicional, expondo aos estudos literários uma pergunta pela natureza, pelos desafios de desenvolvimento da noção de texto, que surge da hipertextualidade dos ambientes da rede. Ora, o texto como se sabe, não é constituído por uma simples seqüência de caracteres. Trata-se também de um objeto complexo em que tudo é signo. A leitura há muito tempo não é mais uma simples operação de decodificação de caracteres alfabéticos. Trata-se de um processo semiótico em que intervêm a paginação e a conformação em livro.

De fato, a edição eletrônica dos grandes 'corpus textuais' dotados de instrumentos de busca, não passa, no entanto da primeira etapa, outra, é aquela constituída pela generalização de técnicas hipertextuais: 'Esta é sem dúvida fundamental, pois resulta do encontro de uma mudança epistemológica e de uma técnica.' (CLEMÉNT, 2004, p. 31)

4. O Estatuto do Texto na Crítica Contemporânea.

A questão epistemológica diz respeito ao estatuto do texto na crítica contemporânea e percebe a passagem do texto, como 'corpo fechado', portador de totalidade de sentido, para a era do inter-texto, da desconstrução e das leituras plurais.

Na verdade, o hipertexto é um caso exemplar de um ambiente heterogêneo, participando ao mesmo tempo de uma dimensão técnica e simbólica, ao qual cabe justamente a questão do saber por que é que ele não é um simples utensílio. Não se limitando a ser um suporte técnico da escrita, o hipertexto tornou-se uma prática de escrita, abrangendo, justamente por lhes dar uma configuração nova as próprias práticas literárias de experiência dos limites, limite da narrativa e do livro como limite de certa racionalidade de escrita.

A questão epistemológica diz respeito ao estatuto do texto na crítica contemporânea e percebe a passagem do texto, como 'corpo fechado', portador de totalidade de sentido, para a era do inter-texto, da desconstrução e das leituras plurais.

Na verdade, o hipertexto é um caso exemplar de um ambiente heterogêneo, participando ao mesmo tempo de uma dimensão técnica e simbólica, ao qual cabe justamente a questão do saber por que é que ele não é um simples utensílio. Não se limitando a ser um suporte técnico da escrita, o hipertexto tornou-se uma prática de escrita, abrangendo, justamente por lhes dar uma configuração nova as próprias práticas literárias de experiência dos limites, limite da narrativa e do livro como limite de certa racionalidade de escrita.

É quando se fala do texto rizomático, por exemplo, aquilo que mais diretamente se põe em causa é a univocidade semiótica do sistema textual em questão. Na verdade, o hipertexto enquanto nova

concepção da escrita encontra as teorias do texto nesse ponto extremo que é o cruzamento de heterogeneidades semióticas.

Esta era inaugura dois pontos importantes na constituição do estatuto do texto, de um lado, não se lê mais um texto, sem examinar todos os textos aos quais se relaciona, do outro, não se considera o texto como simples materialização do pensamento de um autor, sem considerar o funcionamento das tecnologias intelectuais (da hipertextualidade) que o exprimem. É essa visão mais complexa e menos determinista do texto que a técnica do hipertexto permite instrumentalizar. Se a digitalização do texto o separa do objeto-livro, reduzindo-o a uma seqüência de caracteres, o hipertexto utiliza o computador para reorganizá-lo de modo totalmente novo. Isto já fôra dito como conclusão das discussões implementadas por Arlindo Machado e a desprogramação das máquinas, no processo de criação literária de hiper-textos.

Outro aspecto mutante no novo processo de hiper-leituras é a reorganização de 'fragmentos' textuais em rotas de leitura ativadas pelo interesse do leitor. A procura num espaço textual torna mais veloz, mais 'direta' e 'personalizada'. O texto na sua 'unidade' é atravessado pelo leitor e relacionado com outras obras (do mesmo corpus ou de outros) através de um ato mecânico da vontade, que seleciona com agilidade um novo texto criado da constelação de outros textos, que se unem na teia da leitura, dando o conforto do arquipélago.

Neste sentido, as reflexões filosóficas de Deleuze e Gattari, o já tão citado 'livro infinito' e novos processos de leitura em bibliotecas imaginárias, ativadas pela cultura e pelos interesses do (hiper-) leitor, encontram no hipertexto uma resposta tecnológica baseada nas inversões fundamentais de ordem epistemológica e técnica.

Resulta dessas novas e diferentes possibilidades, uma inversão da ordem hierárquica em que se baseia o livro clássico: autoridade do autor quanto ao texto, primazia do texto em relação às variantes e notas, leitura única, etc. É a inversão que já aspiravam Deleuze e Gattari ('Mille Plateaux', 1980). Inscrevendo-se no paradigma da complexidade, eles aí denunciavam o 'livro-raiz', ordenado segundo uma estrutura arborescente com sua lógica binária. A complexidade que caracteriza nossa relação com o mundo contemporâneo, escrevia ele, pede uma forma de livro, pois 'o pensamento não arborescente, e o cérebro não é uma matéria enraizada'. É antes na figura do rizoma que os autores se comprazem em imaginar o livro futuro. Deste ponto de vista, o hipertexto traz uma resposta tecnológica para problemática deleuziana.

A era da hipertextualidade parece estar realizando os planos das teorias construtivas e empíricas de leitores localizados por sua escrita e ativados a um papel mais abrangente que 'escrever', mas ao mesmo tempo, esta nova realidade digital descontextualiza, pela escrita sem vestígios materiais, com a possível ameaça às concepções de memória e arquivo. De qualquer forma a digitalização e os ambientes de web forçam a concepção de novas leituras e narratividades.

5. Hipertextualidade e Processos de Leitura.

Para além de transformar a escrita num trabalho de associação mais do que num processo de sucessão, a hipertextualidade torna-se antes mais visível do lado da recepção. Na verdade, seja qual for o modo de produção textual, o seu agenciamento reticular incide primeiramente sobre os modos de ler.

O hipertexto produz uma forma de leitura que deslineariza-se inevitavelmente porque perde a seqüência das páginas, porque se ativam múltiplas janelas, porque se esfuma a dimensão de totalidade física do livro e de totalidade de sentido de obra. A leitura deixa de ser um ato passivo para passar a ser um acto de decisão e como tal decisivo.

Este ambiente, a hipertextualidade, chama a atenção, para o contexto de performer do leitor, isto quer dizer, o máximo de interatividade no 'ato de leitura'. A relação com o hipertexto indica uma mediação da 'máquina narrativa', algo já mencionado na abordagem de Pedro Barbosa, com a seguinte diferença:

enquanto que as narrativas clássicas, como referimos, separavam, exteriorizando o lugar do leitor, as narrativas dos novos médias interactivos transportam o leitor e jogador para dentro da ação, transformando-o num performer. Quer dizer, que o leitor e jogador se confundem numa única entidade. Mas este performer deverá integrar-se numa trama que é já narrativa.

A novidade destas propostas é apresentada ao nível da interação, como narrativas interativas. O que o performer realmente escolhe (lê ativamente) são opções de um leque de possíveis pré-determinados, mas tal não impede pelo menos simuladamente, de passar de espectador ao suposto ator. É por um fenómeno de incorporação, quer dizer, de inclusão do corpo do espectador no espaço tecnológico multimédia, que o espectador assume o papel de ator. Veja-se no caso das artes plásticas, em que o corpo do espectador tende a ser deglutido, integrado no interior do campo artístico. E ao pôr o texto em relação com seu intertexto, pode situá-lo em seu contexto de produção e de recepção, assim como aumentar sua inteligibilidade pela restituição do ambiente que presidiu sua criação – ler Stendhal escutando Cimarosa, Baudelaire olhando Goya ou Delacroix'. (CLEMÉNT, 2004, p.33).

A imersão nos novos meios a ficcionalidade, imersa em espaço sonoro, permite ao leitor, escolher o percurso a atualizar, ainda a imersão do corpo da realidade virtual do cinema 3D, entre outras formas.

6. O conceito de interficção

Já o discurso de OLINTO avança para o conceito oriundo da internet chamada provisoriamente de 'interficções', por dar relevo à condição intermediária da fusão da escrita, da imagem e do som, exclusivamente possível na forma digital. Esta condição literária, por isso chama atenção para o papel 'performático' do texto digital, pela ruptura com a estética tradicional do livro. (OLINTO, 2005, p.42)

O leitor de hipertexto não é uma mônada, mas uma 'díade', um lugar de conexão, de troca, um jogo de relações entre homens e máquinas. Enquanto o livro passa pelo modelo de unificação do corpo, tal como o espelho é na formação da imagem do sujeito, do seu je-moi, o hipertexto actua interrompendo ou suspendendo essa imagem reconfortante do eu como corpo íntegro.

Ele opera uma articulação outra com os procedimentos do imaginário, articulação essa que atira o sujeito para uma fase pré-narcista, a do corpo desmembrado. É que realmente fica extinta a dimensão representacional e nomeadamente reflexiva que a imagem, como o livro, aliás, possuíram até então. Diluindo a função do autor, o regime hipertextual nem por isso instaura um outro, do leitor. Antes abre o espaço e o tempo a um jogo em que cada decisor arrisca sua própria condição.

Baseada na diferença trata-se, ainda de uma 'literatura, que encena seu estado definitivo, entendido como fixação, univocidade e linearidade. 'Estamos lidando com uma literatura produzida com palavras que se movem, que dançam, que modificam suas cores e seus elementos e se aliam com imagens e sons (...) como se fossem atores das letras. Esta literatura performática, que se assemelha antes a um evento em permanente estado de emergência e não a uma obra acabada, distinguindo-se por seu carácter hipertextual, interativo e multimidiático'.

Por isso, E. Alliez, afirma, em relação ao pensamento deleuziano, mas no fundo, da herança do debate em torno das desconstruções, 'que seja um o mapa de um novo mundo que possa fazer rimar pensamento da univocidade e teoria das multiplicidades, filosofia da vida e filosofia do conceito. Uma rima que eu diria ontoetológica' (ALLIEZ, 2000, p.14).

Neste ponto, é necessário perguntar-se, sob a forma de juízo o valor estético desta experiência ou produção literária, a partir da fruição e da avaliação de 'textos' neste ambiente: 'até que ponto se trata ainda de literatura e não de imagens textuais ou cinema escrito (para Deleuze seria a mesma coisa?) ou simplesmente da realização do sonho revivido da obra de arte total, desta vez de proveniência digital?

Interatividade, Intermedialidade e encenação, três conceitos, que, de maneira ainda instável, descrevem ou caracterizam a literatura hipertextual e mostram-na como um projeto que privilegia as expectativas das teorias da estética da recepção e do efeito, que protagonizaram uma ação do leitor, através da

Trata-se, primeiramente da interatividade. O leitor faz escolhas que determinam o texto que lhe é dado a ler', e depois da participação em fóruns, 'livreiros e editores oferecem aos seus leitores a possibilidade de reagir aos textos por eles propostos.

8. Hiper-repertórios na Constelação Midiática Contemporânea

No interior da recepção, a distinção entre interpretação e interação pode ser entendida como pertinente para situarmos os novos produtos digitais e aceitarmos ter havido um descentramento operado pelos sistemas hipertextuais de produção de hiperficção. Por exemplo, descentramento do âmbito da produção para o âmbito da programação – a produção de um ambiente narrativo é já a arquitetura de todas as combinatórias e seqüências entre os seus fragmentos – e do âmbito do consumo para decisão o utilizador é o decisor; é ele o efectivo constructor de narrativas, no sentido em que actualiza as associações possíveis em seqüências efectivas.

Uma crítica acerca da precariedade de conceituação marca a finalização desta longa viagem pelo mundo da formação da literacidade digital de hipertextos, na medida em que os teóricos da literatura ainda não construíram pontes de diálogo com instabilidade destes 'conceitos', que como veremos pertence mais à descrição do que a cabal explicitação de fenômenos complexos, em forma de simplificadores.

Na teoria da literatura prevalecem, frequentemente, conceitos orientados na literatura impressa e adaptados para um novo uso, entretanto sem levar especialmente em conta o fato de se tratar de uma construção diversa e destinada para formas de representação distintas. Como encontrar então, instrumentos analíticos para descrever este gênero recente, mais adequado do que propostas por teorias enraizadas na cultura do livro impresso? Em outras palavras, nesta seção final desejo seguir de perto, os rastros de uma busca 'em movimento' na busca e apreensão de uma rede conceptual apropriada à realidade midiática, o que supõe uma constelação conceptual com um arcabouço de instrumentos analíticos diversos daqueles utilizados em outras literaturas.

9. Conceitos para experiências de 'limite'.

As teorias de Christine Heibach tentam superar as dificuldades de um teórico de literatura diante da literatura digital e os riscos de tornar invisível o objeto sob investigação por um olhar míope. E apresentar uma proposta que sugere uma teoria de 'hipertextos e hiper-mídias em constante elaboração, verificação e modificação' Trata-se, como já foi dito a respeito da formação de uma estética sócio-digital, que construa novas pontes entre os eventos criados na mídia digital e a inteligência acadêmica. Este projeto teórico em movimento, intitulado pela autora como teoria e prática de uma estética cooperativa, acentua a necessidade de elaborar métodos híbridos flexíveis, que permitam tematizar e discutir os procedimentos da investigação científica com relação à formas alteradas de uma literatura cuja casa deixou de ser o livro impresso entre duas capas. Neste limiar entre teoria e prática, emergem momentos de tensão que acompanham a construção de uma moldura heurística para as análises concretas da literatura digital.

O primeiro conceito é aquele de oscilação, que permite situar novas formas de expressão de hipertextos literários como " movimentos oscilantes" entre diversos sistemas semióticos. É neste contexto que as teorias tradicionais, que funcionam na articulação entre opostos, não obtêm grande resultados diante de fenômenos que não podem ser mais ser explicados e nem mesmo fruídos a partir de teorias gestálticas: O movimento de oscilação permite fundar os novos fenômenos literários eletrônicos no modelo dinâmico do movimento, porque ele corresponde ao processo infinito entre diversos níveis, que cria algo novo a partir dos jogos cooperativos dos sistemas sociais, midiáticos e técnicos articulados pelo computador.

A natureza da formação de conceitos próprios a estes hiper-ambientes, equivale a tarefa de propor novos paradigmas, como o fez Alain Touraine, como categoria adequada 'à definir le passage d'un mode d'analyse et d'action à un autre, afin d'éviter les interrogations sans fin sur le rapport entre la vérité et les diverses manières de la construire', que permitem a descrição do fenômeno literário como evento, a capacidade de descrever eventos implica que a natureza destes conceitos não seja redutora

de complexidades e imóvel como categoria (diria Kant), como o sabemos pelas 'tabelas de juízos' da Razão Moderna, já em conflito com a realidade. Este universo, onde se escreve sem texto, pleiteia uma estética processual em analogia ao modelo de Gilles Deleuze e Feliz Gattari, exposto em Qu'è st-ce que la Philosophie(1991).

O conceito de oscilação, como outros surgidos ou forjados na árdua tarefa lexical deste ambiente sublinham que ' deste modo, o conceito não se entende como construção de constantes e suas variáveis, mas antes, como formas de modulação e variação. Em outras palavras, 'sublinha-se o carácter paradoxal do conceito, não como universal, mas como singular múltiplo. É neste sentido que o conceito assume função de evento em constante estado de emergência'(OLINTO, 2005, p. 46).

10. A Transversalidade e a Transfugacidade

Outras ferramentas na formação dos conceitos do 'léxico' da epistemologia literária digital, ou sobre a compreensão meta-teórica de hiperficção, como criação literária, são os conceitos de transversalidade e transfugacidade.

Trata-se de considerar aceitável, do ponto de vista filosófico, possíveis alianças entre sistemas epistemológicos e eventualmente distintos. A disposição de experimentar novas formas de cruzamento de códigos diversos pode ser transferida, sem restrições, para o gênero literário interficcional, especialmente interessado na exploração de potenciais hipertextuais que estimulam tanto a articulação entre os mais variados documentos midiáticos quanto a travessia de fronteira com respeito aos próprios conteúdos.

Ambos os conceitos, o de transversalidade: como capacidade de aceitar a diferença do outro apesar da orientação dos discursos sobre o dissenso, preservando-se, portanto, a capacidade comunicativa' assim como aquele de transfugacidade, tentam descrever, assim, o fenômeno da literatura digital em sua velocidade e transitoriedade, acentuando, no caso, o estilo performático vinculado expansão e transformação, criando um tecido multilinear, desierarquizado e acidental.

11. Conclusão

Esta complexa panorâmica em torno de questões de fenômenos de literatura cibernética foi de certa maneira, apontada pelos autores como realização de premissas teóricas, que intensificavam a leitura interativa. Pressupostos estes que verificamos na obra teórica sobre o leitor em W. Iser. A mudança ocorre no momento em que o texto saiu do isolamento da análise de tipo estruturalista.

Neste sentido, as teorias da recepção e do efeito, encontram na mecânica das tecnologias digitais uma concretização das expectativas meta-teóricas de W. Iser. A hipertextualidade indica o fato contemporâneo de novos papéis que o leitor tem a desempenhar neste contexto hiperficcional, um fenômeno que se delinea como uma forma de alargamento de papéis e funções cognitivas e intelectuais, além de artísticas e literárias, uma forma de 'avant-garde' sócio-política do leitor.

O palco (eletrônico) da leitura põe em ação leitor e texto numa perspectiva de produção de sentido, onde o corpo terá um papel cada vez mais decisivo: As experiências que tem vindo a ser feitas no campo da digitalização das artes da literatura têm como consequência imediata a nomadização do leitor-espectador, e sua imersão perceptiva no interior do texto-imagem-som.

Há como que um movimento geral das mais variadas formas de arte e de comunicação envolvendo o corpo, no sentido de se dirigirem a uma 'aestesis' mais perceptiva-afecional do que propriamente conceptual.

São novos papéis que ocorrem no processo de leitura, a partir das possibilidades abertas pelas literaturas digitais, em ambientes de hipertextualidade. Nestas novas hiper-ficções emerge um sujeito que se expande na rede, nos intervalos de diálogo e negociação com o texto. Aquilo que se passa com o dispositivo hipertextual é que, começando por ser um objecto extensor do corpo, ele acabou por incorporar o próprio leitor.

12. Bibliografia

ALLIEZ, E., DELEUZE, Gilles: *Uma Vida Filosófica*, Ed34, SP, 2000.

BABO, M. A., O Hipertexto como Nova Forma de Escrita, in, SÜSSEKIND, F. (org.), *Historiografia Literária e as Técnicas da Escrita*, Casa Rui Barbosa, RJ, 2004, p.104-114.

BARBOSA, P., *A Ciberliteratura. Criação Literária e Computador*, Cosmos, Lisboa, 1996.

CLÉMENT, J., *Do Livro ao Texto*. As Implicações intelectuais da edição eletrônica, in SÜSSEKIND, F. (org.), *Historiografia Literária e as Técnicas da Escrita*, Casa Rui Barbosa, RJ, 2004, p. 28-35.

HEIBACH, Ch., *Literatur und Internet*, Heidelberg, 2000.

MACHADO, A., *Máquina e Imaginário*. O Desafio das Poéticas Tecnológicas, USP, SP, 2003.

OLINTO, Heidrun Krieger, Fogos de Artíficos Verbais, in OLINTO, Heidrun Krieger e SCHOLLHAMMER, K. E. (ed.), *Literatura e Mídia*, Galo Branco, RJ, 2005, p. 41-52.

RICHTER, D. H., *The Classical Tradition*. Classic Texts and Contemporary Trends, Boston, Bedford Books, 1982.

RISÉRIO, A., *Ensaio sobre o Texto poético em contexto Digital*, Casa das Palavras, Salvador, 1998.

STOICHEFF, P. e TAYLOR A., (ed.), *The Future of The Page*, Toronto, 2004.

* **Pedro Paulo Alves dos Santos**

Mestre em Exegese Bíblica, PIB– Roma, (1993), Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, (1997), Professor da PUC-RIO, (1997-2003). Editor Brasileiro da COMMUNIO, *Revista Internacional de Teologia Cultura*, entre 2002-2006, Doutor em Letras, com especialidade em Teoria Literária pela PUC-RIO – (2006).

pepedroalves@yahoo.com.br

